

SIMBOLOGIA DO FANTÁSTICO EM MURILO RUBIÃO: INTERPRETAÇÕES

Noemi Elisa Aderaldo

O que se segue são interpretações nossas dos quatro primeiros contos do conjunto de oito, publicados por Murilo Rubião sob o título *O Pirotécnico Zacarias* (São Paulo, Editora Ática, 1974, 62 pp.), ao qual remetemos o leitor, em vista do interesse despertado pela obra deste solitário estilista do fantástico e do seu incontestável valor intrínseco.

1. O PIROTÉCNICO ZACARIAS

Realizando uma abertura total de sentido, o conto quase raia o sem-sentido. Sendo total, é como se a abertura deixasse de ser uma abertura, por não contrastar com o não-aberto.

A mensagem é, provavelmente, a de que os limites que estabelecemos entre as coisas são convencionais e irrealis. O real não tem fronteiras definidas. Os opostos se fundem numa visão caleidoscópica, se interpenetram. O mundo e a existência são caleidoscópicos. As coisas são fluidas, intercambiantes, sem contornos precisos, e sua lei é a metamorfose. Essa a sugestão que irradia duma situação nuclearmente ambígua, dual e contraditória: morto e vivo, e, mais do que isso, nem morto nem vivo. Porque nem morto nem vivo — situado num ponto que precede, ou que supera os dois opostos —, a impressão de ser morto e vivo ao mesmo tempo. A própria nar-

rativa oniriza ou omite as seqüências factuais que lhe confeririam a verossimilhança convencional, a fim de manter a atmosfera fantástica.

O conto não conclui, não se fecha — como a Vida. Fica aberto para o leitor, que, aqui, além de receptor, é também co-criador da mensagem...

2. TELECO, O COELHINHO

Teleco simboliza a riqueza inesgotável da Criança e seu poder de criar e de transfigurar as coisas, de identificar-se com elas, de *ser* elas. Teleco é a Criança no Homem (representado este pelo narrador). Veja-se como ela o seduz, no princípio, com sua graça, e como depois vão morar juntos. Vejam-se os momentos de conflito entre o eterno jogo das brincadeiras mágicas de Teleco e a “seriedade” conservadora do adulto, pouco disposta e pouco aberta a situações novas, enquanto moram em sua casa.

Tereza é a Alma, que, é claro, ama a Criança. São, ambas, projeções simbólicas do narrador.

O Homem se enamora da Alma, mas esta ama a Criança, só com ela se identifica. Por não ser correspondido na sua afeição, por não poder possuí-la enquanto Homem (ou seja, como adulto, com toda a perda de Vida que esta condição implica), mas só como Criança, o Homem as expulsa da sua morada. Elas perturbavam o equilíbrio e a lógica prosaica, o bom comportamento burguês e quejandos valores do narrador, que logo depois se burocratiza (“coleccionar selos”) e os esquece.

A reparação de Teleco é uma crise de nostalgia da Criança que em nós se perdera. Reaparece doente, após a morte da Alma. O poder mágico da criança no homem doente se transforma em neurose obsessiva e incontrolável — é a compulsão doentia do círculo vicioso criado, os hábitos que já não pode deter, a perda do autocontrole.

No final, quando Teleco consegue transformar-se em homem, neste a Criança morre, ou: o homem, no final, constata que a Criança, nele, está morta.

3. BÁRBARA

Bárbara (e já o nome tem valor conotativo) personifica um desdobramento (ou projeção) do *id* freudiano do ser hu-

mano maximamente potencializado, levado às últimas consequências. Como tal, livre de freios e de qualquer "domesticação" ou disciplina "educativa", deixada à sua própria lei de crescimento, enfeixa e resume, simbolicamente, a natureza inferior do homem não controlada, com toda a sua avidez desenfreada, sua cupidez, seu egoísmo monstruoso, sua insatisfação, sua voracidade, sua inércia, seu peso, sua tirania. É obscura e pesada, sem alegria, sem leveza, sem transparência. Quando criança, entretanto, era franzina (conotando, por contrastância, o estado de natural preservação da infância).

Seu marido é o exemplo de um *ego* (o eu consciente) fraco e inepto, incapaz de "educá-la", de controlá-la, de contrariá-la (quando isso acontece, ela se refugia "num mutismo agressivo" e se recusa a comer ou conversar com ele, numa palavra, se rebela).

Bárbara é desprovida de consciência, de razão. "O núcleo de nosso ser, diz Freud, é constituído pelo tenebroso *id* (o inconsciente), que não se comunica diretamente com o mundo exterior". Nada a satisfaz, é o abismo que tudo traga: o oceano, o baobá (árvore africana, imensa), o navio, a estrela (todos, por sua vez, símbolos importantes).

O filho, fruto de uma tal união, só poderia ser raquítico e inerme: é o *super-ego* na terminologia freudiana, ou seja, o "espírito", aquilo que em nós é capaz de criar arte, cultura, valores, enfim as manifestações superiores do homem, resultantes do casamento equilibrado entre a energia inconsciente (a *libido* junguiana) e o eu consciente

4. O EDIFÍCIO

O Edifício é uma metáfora da civilização ocidental que, erigida sobre aspirações antropocêntricas como a do progresso (bem representada, esta, pelo exemplo do positivismo) — e cabe, aqui, o paralelo flagrante com a "torre de Babel", expressão do orgulho e da pretensão do homem, desmesurada e cega —, desencadeou o processo vicioso, irreversível e suicida do *crescimento* compulsório e a qualquer preço, a que ora assistimos em escala planetária.

Crescer ou morrer, é o lema que comanda todas as ações da história contemporânea, a compulsão histórica que eletriza as nações e a humanidade, arrastada, num processo de demência coletiva, ao irremediável desmoronamento da hipertrófica estrutura cuja construção já não consegue deter.

O sem-sentido do ilimitado crescimento desse Edifício torna-se cada vez mais patente. Simboliza o monstruoso complexo tecnológico, administrativo e burocrático da nossa civilização, a consumir toda a vida dos seus operários, que percorrem, como autômatos, os sulcos desse círculo vicioso de condicionamentos sócio-econômicos, perdendo de vista o sentido e a finalidade da empresa histórica em que se empenham, e da qual são vítimas. A empresa, aliás, pelos seus próprios determinismos intrínsecos, aos quais o homem se encontra amalgamado, tornou-se irreversível.

O engenheiro que assumiu a construção do Edifício, com todo o entusiasmo do começo, representa a *intelligentsia* do aludido complexo, que se lançou à obra como desafio imediato, com espírito puramente pragmático, empolgada pela ilusão da sua capacidade, desprezando ou ignorando qualquer preocupação mais profunda com referência à natureza, aos princípios e à verdadeira finalidade das coisas.

É a parte mais esclarecida dessa *intelligentsia* que agora, anos depois, constata o absurdo do processo, mas já não o consegue deter — ele marcha por si mesmo, à sua revelia, e o máximo que pode fazer são “discursos” suasórios, mas ineficazes, aos quais os obreiros se tornam surdos.

Os que conceberam e planejaram a obra — em várias gerações sucessivas — já morreram, mas têm continuadores. São os grandes teóricos, líderes e arautos dessa civilização. O engenheiro é um demiurgo: misto de técnico, administrador, burocrata e intelectual, representa o escalão intermediador. A massa executora, os operários, é a humanidade comum.

O octingentésimo andar do Edifício, em torno do qual pairam proféticos maus augúrios, simboliza uma data apocalíptica, como a do ano 2000; o incidente ocorrido, talvez as guerras como as que Nostradamus profetiza para aquela época.

Perderam-se “o plano diretor” do Edifício e os “documentos” que “orientavam” a construção. Só encontraram “especificações técnicas”. A humanidade não sabe para onde caminha. O monstro cresce. Consumir mais, produzir mais... inutilidades.

É evidente que o conto não devia ter fim, como não tem. Não precisa ter. O fim está claramente implícito. O Edifício ruirá, por fim, de alto a baixo, com todos os seus operários e moradores. Só escaparão os que não estiverem nele, nem por perto...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. FROMM, Erich. *A Linguagem esquecida*. Introdução ao entendimento dos sonhos, contos de fadas e mitos. 6.^a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
2. HOCHE, G. Rene. *El Mundo como labirinto*. Madrid, Ediciones Guadarrama, 1961.
3. JUNG, C. Gustav. *O Homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1977.
4. PROPP, Vladimir. *Morphologie du conte*. Paris, Editions du Seuil, 1970.
5. RUBIÃO, Murilo. *O Pirotécnico Zacarias*. São Paulo, Ática, 1974.
6. TODOROV, Tzvetan. *Introduction à la littérature fantastique*. Paris, Editions du Seuil, 1970.